

CARMILLA E DRÁCULA: IMPLICAÇÕES DE GÊNERO NA LITERATURA GÓTICA DO SÉC. XIX

GABRIELA LOPES DA SILVA¹; DANIELE GALLINDO-GONÇAVES²

¹Universidade Federal de Pelotas – gabilopeshistoria@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – danigallindo@yahoo.de

1. INTRODUÇÃO

A História humana, durante boa parte de sua trajetória, foi marcada pela produção e expressão através de contos e lendas fantásticas. Ao analisarmos e relacionarmos algumas lendas com o contexto histórico e cultural, é possível evidenciar o tom lúdico e metafórico destas lendas. Nesta pesquisa, o objetivo é justamente introduzir, investigar e elucidar as lendas e metáforas por trás de *Carmilla* (1872) de Sheridan Le Fanu e de *Drácula* (1897) de Bram Stoker de forma a analisar comparativamente quais medos e receios surgem nas duas narrativas e que, de alguma forma, podem ser percebidos como vivenciados pelas pessoas da sociedade Vitoriana durante a publicação das obras.

O vampiro literário, há muito popularizado, foi ressignificado no século XXI como fonte de histórias de drama e romance, consolidando-o assim como uma criatura, de fato, totalmente fantástica. Todavia, a figura do vampiro vai muito além de uma criatura que rouba moças apaixonadas de seus lares. Quando buscamos a origem e as motivações de sua criação, remontamos ao contexto social de sua época e local, nesse caso, a Inglaterra Vitoriana, se apropriando do horror gótico para a tematização do gênero e sexualidade, utilizando não só do terror que esse gênero proporciona, mas do seu diferencial através do mistério e suspense que se mostram tão eficazes na abordagem de narrações metafóricas e de duplo sentido.

2. METODOLOGIA

É evidente que, ao longo da história, os contextos em que obras são criadas influenciam diretamente em sua produção e isso não é diferente no horror gótico do século XIX. Através da comparação e análise – referimos a este campo como elucidada Jürgen Kocka, “A comparação ajuda a identificar questões, e a clarificar perfis de casos únicos. É indispensável para explicações causais e sua crítica.” - entre as fontes *Carmilla* (1872) e *Drácula* (1897), foi possível identificar, aliado ao estudo dos contextos histórico, social e cultural, os significados das metáforas utilizadas para a criação do vampiro popular literário. Para além do romance, essa pesquisa busca compreender como essa figura, de forma implícita, denuncia os medos e receios dos indivíduos da sociedade vitoriana, então, sob forte influência cristã e conservadora, além de representar os desejos sexuais reprimidos de homens e mulheres e até mesmo trazer à tona temas como a liberdade sexual feminina. Ambas as obras se apropriam do horror gótico como forma de expressar temas censurados pela imprensa do século XIX.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através de autores como SIGNOROTTI (1996) e DAVIS (2004), foi possível identificar os principais pontos a serem desvendados nas obras, como a

transgressão sexual e a homossexualidade, possíveis de identificação através tanto de *Carmilla* (1872) quanto de *Drácula* (1897).

A homossexualidade, constantemente presente em *Carmilla*, é expressa como o elemento de perturbação psicológica principal da protagonista, visto que a mesma não conhece e nem é permitida sentir desejo por outra mulher. Isso leva, posteriormente, a um protagonismo masculino invasivo, como forma de encerrar a história dentro de parâmetros conservadores da época, buscando “controlar” a ameaça através do domínio masculino na narrativa. Tais análises ficam evidentes quando, após a leitura de trechos como no capítulo XIV “O Encontro”, o ‘General’, uma das figuras masculinas principais dos últimos capítulos, após falhar sua tentativa de ataque à Carmilla, pede a protagonista que “Saia deste solo amaldiçoado, minha pobre criança, o mais rápido que puder. Dirija-se à casa do clérigo e fique lá até chegarmos. Vá embora! Você nunca mais deverá ver Carmilla novamente.” (LE FANU, 1872, p.111) Ademais, SIGNOROTTI (1996, p. 5, tradução nossa) agrega à discussão ao afirmar que: “[...] a ideia do vampirismo feminino também veio a ser compreendido em um sentido mais figurado. Em adição a ideia da contaminação literal do sangue, vampirismo veio a ser associado com a noção de contágio moral e especialmente com a contaminação do lesbianismo”.

Drácula (1897), apesar da relação também com o tema da homossexualidade através de seu protagonista, acaba trazendo uma narrativa profundamente masculina que engrandece os homens em detrimento das figuras femininas presentes. Esses femininos vagam pela história como seres passivos dos desejos e ações dos homens, sejam eles humanos ou não, explicitando o receio profundo dos homens em relação a figuras femininas livres e ativas. Isso nos leva a compreender o próprio Drácula como o simbolismo de uma transgressão não só do controle de maridos sobre suas esposas, mas também do desejo proibido das mesmas que toma forma e tamanho diante de seus personagens. Conclusão essa capaz de ser identificada em trechos da obra como, quando após a violação do corpo de uma das principais personagens femininas, o vilão direciona-se aos protagonistas masculinos, clamando que “[...] As mulheres que vocês todos amam já são minhas, e por meio delas vocês e outros serão meus: minhas criaturas, para atenderem ao meu comando e serem meus chacais quando eu quiser alimento.” (STOKER, 1897, p. 298). Sobre este mesmo trecho, Marjorie Howes (1988, p. 108) traz uma profunda contribuição ao asseverar que “Isso desloca, mas não elimina o perigo do apelo do conde ao lado feminino subversivo dos próprios homens. O próprio Drácula indica o papel da mediação feminina, provocando-os [...] O centro ausente do texto, sugeriu, aproximou, mas sempre reprimiu e reorientou através das vítimas femininas, é a penetração de um homem pelo vampiro”.

Já Carmilla, representando também o desejo transgressivo, se apresenta como uma perda de controle, dessa vez, não de um marido sobre sua esposa, mas de um pai sobre sua filha, colocando em pauta os papéis de gênero estabelecidos na época e nos levando a compreender que, tais papéis não se limitam a relações conjugais, mas sim, a qualquer cenário em que é possível que uma figura masculina tome controle dos desejos e ações de uma figura feminina. Isso reforça as questões de gênero, presentes também na realidade sexual da sociedade vitoriana, mais uma vez auxiliando na compreensão das dinâmicas sociais e históricas do período. É através de Souza e Souza (2018, p. 134) que essas dinâmicas se tornam ainda mais explícitas - “A Rainha Vitória, foi criada nos moldes da mulher virtuosa, do lar, isto é, desde a infância foi retirada do convívio social, instruída pela Igreja e pelas preceptoras, sem contato com a figura masculina e, quando havia, sempre estava acompanhada de alguém”. Os autores ainda afirmam que: “A mulher representada

pela pureza angelical, delicada, frágil, assexuada que antes era tutelada ao pai agora é pelo marido, esta é a representação da mulher vitoriana, o anjo do lar, aquela que foi criada para ser submissa ao homem e à sociedade conservadora” (SOUZA; SOUZA, 2018, p. 136).

4. CONCLUSÕES

O estudo realizado até agora nos leva a conclusão de que, de fato, a historiografia quando aliada à literatura e a observação e comparação da realidade com a fantasia, pode ser um poderoso apoio de compreensão e estudo das épocas e contextos sociais e históricos. Isso deixa clara a aliança entre produções literárias como expressões humanas que carregam marcas de seus períodos e das pessoas que as produziram, trazendo, como uma soma aos estudos históricos, uma nova visão e compreensão dos eventos e das sociedades humanas ao longo do tempo, nesse caso, de maneira lúdica através do horror gótico vitoriano.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUYANT, V. What or Who Is “Matska” in Carmilla? **The Explicator**, País de Gales, v.72, n.3, 185-188, 2014.

SIGNOROTTI, E. Repossessing the Body: Transgressive Desire in "Carmilla" and "Dracula". **Criticism**, Detroit, v. 38, n. 4, pp. 607-632, 1996.

DAVIS, M. Gothic's Enigmatic Signifier: The Case of J. Sheridan Le Fanu's 'Carmilla'. **Gothic Studies**. Birmingham, v.6, n.2, p. 223-235, 2004.

Souza, T., & Souza, S. O Anjo do Lar e Femme Fatale: a representação da mulher vitoriana na obra Carmilla, de Le Fanu. **Revista Ártemis**, Florianópolis, v. 25 n.1, 130, p. 241-261, 2018.

WILLIS, M. Le Fanu's 'Carmilla', Ireland, and Diseased Vision. **Literature and Science**, Cambridge, v. 61, p 111-130, 2008.

PAXTON, A. Mothering by Other Means: Parasitism and J. Sheridan Le Fanu's Carmilla. **Interdisciplinary Studies in Literature and Environment**, Oxford, v. 28 n.1, p. 166-185, 2019.

HOWES, Marjorie. The Mediation of the Feminine: Bisexuality, Homoerotic Desire, and Self-Expression in Bram Stoker's Dracula. **Texas Studies in Literature and Language**, Texas, V. 30, N. 1, Nineteenth-Century British Literature, p. 104-119, 1988.

HELLER, T. The Vampire in the House: Hysteria, Female Sexuality, and Female Knowledge in Le Fanu's "Carmilla" (1872). In: HARMAN, B. L., MEYER, S. **The New Nineteenth Century: Feminist Readings of Underread Victorian Fiction** (Wellesley Studies in Critical Theory, Literary History and Culture). Nova Iorque e Londres: Garland Publishing, 1996, p. 77-95.